

UMA REPRESENTAÇÃO SINGULAR DO CORPO FEMININO NA DIÁSPORA SOMALI

A PECULIAR REPRESENTATION OF THE FEMALE BODY IN THE SOMALI DIASPORA

Resumo

A atribuição de identidades estereotipadas aprisionou mulheres e “culturas outras” em um papel subalterno, excluindo subjetividades individuais, relações, conflitos, questionamentos e mudanças. No entanto, no caso de escritoras com origens em ex-colônias italianas na África, essas subjetividades estão vivas, se exprimem ao nosso redor e produzem uma nova literatura, que atravessa fronteiras territoriais e simbólicas. Assim, este artigo propõe, com base na crítica pós-colonial e nos estudos de gênero, a leitura de *Madre piccola*, romance da escritora ítalo-somali Cristina Ubx Ali Farah, que, por meio de uma representação singular do corpo feminino, denuncia o passado colonial, indelével, e revela a permanência de relações opressivas ainda nos dias de hoje.

Palavras-chave: Literatura pós-colonial. Diáspora somali. Corpo feminino.

Abstract

The attribution of stereotyped identities has been a limiting element for women and cultures taken as “others”, pushed into subaltern roles according to which individual identities, conflicts, questionings and changes were not considered. However, in respect to women writers coming from Italian ex-colonies in Africa such subjectivities prove to be very alive and changing, expressing themselves and producing some new literature, which crosses territorial and symbolic boundaries. Thus, this article, based on postcolonial and gender theories, proposes the critical reading of *Madre piccola*, a novel by the Italian Somali writer Cristina Ubx Ali Farah, focusing on peculiar representations of the female body, a body which denounces the colonial past, revealing the continuity of oppressive relations until the present.

Keywords: Postcolonial Literature. Somali diaspora. Female body.

Márcia de Almeida

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

E-mail: marcia.almeida@ufjf.edu.br

Recentemente, em 14 de outubro de 2017, um violento atentado a bomba em Mogadíscio resultou em mais de 900 vítimas, entre mortos (mais de 300), feridos e desaparecidos. Porém, ainda que alguns dias depois as redes sociais tenham suscitado comoção, com a divulgação das tags *JeSuisSomalie*, *PrayForSomalia* e *SomosTodosSomália*, a cobertura jornalística ficou muito aquém daquela dispensada aos ataques ocorridos, também este ano, em capitais europeias, como Londres ou Barcelona.

Com efeito, as declarações de condenação da comunidade internacional só apareceram com dois dias de atraso, na segunda-feira, enquanto que, no Brasil, os noticiários deram mais destaque a assuntos políticos nacionais e aos incêndios em Portugal. É difícil entender essa dinâmica editorial, pois, ainda que historicamente Portugal nos pareça mais próximo do que a Somália, a tragédia dos incêndios, apesar de ocasionar a morte de dezenas de pessoas, pelo que se investigou, teria causas naturais, talvez inevitáveis, ficando distante do que provocou o massacre na Somália: uma ação “humana”, planejada contra toda uma população.

Na verdade, o que acontece é que, aos olhos do Ocidente, a Somália segue praticamente invisível, a não ser esporadicamente, como exemplo de seca, fome, miséria e pirataria. Assim, muitos ignoram que, há cerca de 30 anos vivenciando o caos, a Somália permanece com seu território controlado por milícias e vê prolongado o estado de guerra civil, alimentado por extremistas do Al-Shabad, grupo jihadista que teria sido o responsável pela recente chacina — como também por atentados anteriores que, comportando um menor número de vítimas, nem chegaram a ser noticiados.

Mas quem, de fato, conhece os meandros geopolíticos — tecidos por colonialismo, racismo, descaso e decisões arbitrárias da diplomacia internacional — que caracterizam a história da Somália e que nos conduzem ao massacre do dia 14/10?

Sobre a situação da Somália, em uma entrevista de 2007, Cristina Ubx Ali Farah, autora de *Madre piccola*, que analisaremos neste trabalho, já comentava:

Eu não sei o que será da Somália, mas já são dezesseis anos de guerra civil. Uma parte consistente da comunidade somali vive no exterior e, além disso, para quem ficou lá,

há ainda essa onda de fundamentalismo islâmico que, pessoalmente, me assusta muito, porque é, obviamente, uma instrumentalização política. Para mim, se não for criada uma consciência política e uma consciência artístico-intelectual que permita trabalhar com esses temas, será difícil, para a Somália, sair da situação atual. (Ali Farah apud Comberiat, 2011: 65-66)¹

Nesse sentido, como outras escritoras da literatura pós-colonial italiana com origens na Somália, Ali Farah demonstra “consciência artístico-intelectual” e assume o compromisso de manter a Somália viva, narrando-a nos seus livros, que abordam, seja a história da colonização italiana na África oriental, sejam suas consequências na contemporaneidade, como, por exemplo, a diáspora somali, seja na Itália, sua antiga metrópole, seja em outros países e continentes.

Dessa maneira, a produção da escritora reflete a sua própria experiência pessoal como sujeito migrante, tendo em vista que essa é marcada pelo deslocamento entre diversos países. De fato, Cristina Ubx Ali Farah nasceu, em 1973, na Itália, terra de sua mãe, mas, em 1976, a família se mudou de Verona para a Somália, terra natal de seu pai. Mais tarde, em 1991, com o início da guerra civil, ela fugiu de Mogadíscio para Écs, na Hungria. Dois anos depois, se transferiu para Verona e, a partir de 1997, viveu por muitos anos em Roma, onde se formou em Letras e foi uma das fundadoras da revista de literatura de migração *El-Ghibli*. Atualmente, Ali Farah mora em Bruxelas, mas continua a escrever para jornais e periódicos italianos, como *La Repubblica*, *Nigrizia* e *Internazionale*. E, em 2007, já experiente como poetisa e contista, abordando temas como migração, mulheres, cultura e tradições da sua Somália — à qual, de diferentes modos, sempre procurou dar voz — publicou seu primeiro romance, *Madre piccola* (Mãezinha), que recebeu vários prêmios².

¹ São minhas todas as traduções do italiano para o português. Texto original: “Io non so che cosa ne sarà della Somalia, ma ormai sono sedici anni che c’è la guerra civile. Una parte consistente della comunità somala vive all’estero e in più c’è anche, per chi è rimasto lì, questa deriva del fondamentalismo islamico che a me personalmente spaventa molto, perché è ovviamente una strumentalizzazione politica. Secondo me se non si crea una coscienza politica e una coscienza artistico-intellettuale che permetta di lavorare su questi temi, per la Somalia sarà difficile uscire dalla situazione attuale”.

² Seguindo as mesmas temáticas, em 2014, lançou seu segundo romance: *Il comandante del fiume* (O comandante do rio).

Madre piccola se constrói em nove capítulos que alternam, como título, o nome de seus três protagonistas: a somali Barni, a ítalo-somali Domenica Axad e o somali Taageere. Barni e Domenica são primas coetâneas por parte de pai e cresceram juntas em Mogadíscio até a partida de Domenica para Roma, com a mãe italiana, aos nove anos de idade. Mais tarde, aos vinte e um, ela volta à Somália, com o intuito de rever o pai e a prima, mas, com o início da guerra civil, sua permanência dura apenas três dias, e seu deslocamento fica restrito à embaixada italiana, de onde retorna ao aeroporto, para embarcar novamente para Roma. Enquanto isso, Barni, órfã dos pais, se muda para a Itália, mas as duas nem chegam a se ver, pois, a partir daquela experiência frustrada, Domenica começa a vagar, sem um destino preciso, por vários países, seguindo os fluxos da diáspora somali. Dez anos depois, as primas se reencontram: Domenica está grávida de Taageere, que conhecera nos Estados Unidos, e Barni, que havia se estabelecido como obstetra em Roma, fará o parto e será escolhida como habaryar (madre piccola) do menino Taariikh, cujo nome quer dizer história. Assim, ao menos em parte, as primas voltam a unir, na Itália, os fios de um passado indelevelmente marcado pela campanha colonial italiana.

Historicamente, a colonização da Somália teve início em 1905, mas a empreitada colonial italiana na África começou em 1882, na Eritreia, e, nos anos '30 do século XX, a Líbia e a Etiópia também foram conquistadas. Com a derrota na Segunda Guerra mundial, a Itália perdeu todas as suas colônias, mas, no caso específico da Somália, houve um prolongamento da influência político-cultural da metrópole, pois, se o império colonial italiano teve uma conclusão oficial com o Tratado de Paris, dois anos depois, em 1949, as Nações Unidas confiaram à Itália a Administração Fiduciária da Somália (AFIS), que durou até 1º de julho de 1960, quando a Somália se tornou independente. A partir daí o país foi governado pela Liga de Juventude Somali até o assassinato de seu líder, em 1969, quando, com um golpe militar, o ditador Siad Barre assumiu o poder. Em 1991, Barre, apelidado de Af Weyne (Boca Grande), foi deposto, estourou a guerra civil e não houve mais estabilidade política, apesar de alguns esforços, a partir de 2009, de se estabelecer um governo central.

Em *Madre piccola*, Ali Farah recupera parte dessa história e, alternando os narradores, em um mosaico de relatos que se aproximam da oralidade, revela as sequelas

do colonialismo sobre os somalis, tanto na Somália quanto na diáspora. Para o pesquisador Daniele Comberiat: “A escritura tem, então, um valor testemunhal importante, se torna um modo de dar voz a quem, daquela história, nunca pôde falar” (Comberiat, 2011: 37)³.

Entre os efeitos contemporâneos daquele passado, está a errância dos somalis, que, em sucessivas ondas de migração, se transferem de sua terra natal para diferentes destinos: para campos de refugiados na África, para a antiga metrópole, para outros países europeus e até mesmo para o Canadá⁴, em um movimento contínuo, para o qual ainda não se tem solução. Ali Farah, em *Madre piccola*, tematiza esses deslocamentos e denuncia — por meio de personagens forçados à diáspora, seja após o golpe de estado de Siad Barre, seja, definitivamente, com o início da guerra civil — a responsabilidade histórica dos ex-colonizadores em relação à dispersão compulsória dos somalis.

Constrói-se, dessa forma, uma narrativa de existências amputadas, de destinos interrompidos, de pertencimentos perdidos ou impedidos, entre os quais se destaca o exemplo de Domenica Axad, a experiência mais extrema e complexa de todas, como anuncia seu nome duplo, metade italiano, metade somali, que dá título ao primeiro capítulo do livro. Na verdade, esse segundo nome (Axad) é acrescentado por Barni, que percebe que a prima sente vergonha de seu nome italiano, quando na terra de seu pai, como narra Domenica: “Então eu lhe digo: — Abbaayo, eu não quero mais me chamar assim, ter esse nome que faz rir a todos. E ela diz: — Não se preocupe, de hoje em diante você se chamará Axad⁵, como o princípio”. (Ali Farah, 2007: 3)⁶

No entanto, o uso dos dois nomes, que poderia resultar na afirmação positiva de uma identidade composta, longe de ser a solução para que a personagem

3 Texto original: “La scrittura ha così un valore testimoniale importante, diventa un mezzo per dare voce a chi, di quella storia, non ha mai potuto parlare”.

4 Deve-se considerar que, antes do veto migratório do Presidente Trump a países de maioria muçulmana, recentemente substituído por um decreto de restrições (o que, para a Somália, não trouxe nenhuma alteração), muitos somalis iam para os Estados Unidos.

5 Considerem-se os significados, em língua somali, de *abbaayo*: irmã, e Axad: domingo, o mesmo de Domenica, em italiano.

6 Texto original: “Allora io le dico, *abbaayo* io non voglio più chiamarmi con questo nome che fa ridere tutti e lei dice, non ti preoccupare d'ora in avanti ti chiamerai Axad, come il principio”.

se sinta completa, só acentua sua bipartição identitária e, nos dois outros capítulos em que a ítalo-somali é a voz narrante, em um deles o título é apenas Axad e, no outro, simplesmente Domenica, o que demonstra a permanência da ruptura.

Assim, a partir do início da guerra civil, que ela presencia em Mogadíscio, como mencionamos, a personagem leva seu corpo feminino fragmentado, sucessivamente, da Itália para a Holanda, para a Inglaterra, para a Finlândia, para a Alemanha e para os Estados Unidos, sentindo-se, contudo, sempre inadaptada e alienada, como revela na seguinte passagem:

Sabe aqueles anos? O que eu não consigo fazer é descrever os lugares. [...] Para mim, para nós todos, era indiferente. Você só tinha que se habituar com as placas diferentes, os preços diferentes e reconstruir o mapa: mapa das ligações com os outros e lugares-chave onde se encontrar, onde telefonar, onde comprar, como se perenemente transportados na bolha de ar [...]. Alienando-nos, vivíamos. (Ali Farah, 2007: 112)⁷

De fato, sua dupla origem — pai somali e mãe italiana — ao invés de testemunhar a riqueza do encontro entre culturas, intensifica seu sentimento de inadequação, visto que é discriminada tanto na Somália, quanto na Itália.

Na Somália, às vezes ela era chamada de missioni, mas só percebe que era um insulto, quando descobre a origem do uso dessa palavra, como explica a seguir:

Discriminados pelas leis raciais, os ítalo-somalis das gerações anteriores eram criados geralmente pelos missionários, completamente isolados do resto da população. Eis porque a denominação tinha um valor negativo, já que era ligada à ideia de paternidade não reconhecida. (Ali Farah, 2017: 227)⁸

7 Texto original: “Sai di quegli anni? Quello che non riesco a fare è descrivere i luoghi. [...] Per me, per noi tutti, era indifferente. Ti dovevi solo abituare alle insegne diverse, i prezzi diversi e ricostruire la mappa: mappa dei legami con gli altri e luoghi-snodi dove incontrarsi, dove telefonare, dove comprare, come perennemente trasportati nella bolla d’aria [...]. Alienandoci, vivevamo”.

8 Texto original: “Discriminati dalle leggi razziali, gli italosomali delle generazioni precedenti alla mia crescevano perlopiù presso i missionari, completamente isolati dal resto della popolazione. Ecco perché l’appellativo aveva una valenza negativa, legato com’era all’idea della paternità negata”.

Ou seja, embora Domenica não tivesse, como a maioria dos ítalo-somalis, pai italiano e mãe somali, e fosse de uma geração posterior, o epíteto negativo ainda a atinge, demonstrando a permanência do mesmo, ao longo de décadas, como herança do colonialismo.

Cabe esclarecer ainda que, no início da campanha colonial na África, a convivência entre colonizadores e nativas foi tolerada e até mesmo incentivada, como comenta Igiaba Scego: “o paralelismo entre a terra a ser penetrada e a mulher a ser possuída foi posto em ação quase que imediatamente. As mulheres eram terra conquistada. Eram o botim de guerra que o Estado [...] havia prometido aos soldados [...]”. (Scego, 2014: 105-106)⁹.

Expandindo a discussão e tratando de outros impérios coloniais, em Cartografias contemporâneas: espaço, corpo, escrita, Sandra Goulart de Almeida também chama a atenção para esse “paralelismo” entre o território colonial e o corpo feminino, quando afirma que:

[a] terra conquistada é simbolizada por meio da imagética do corpo feminino, remetendo a um intrincado paralelo entre o encontro dos dois mundos e as oposições de gênero em termos binários, justificando assim a empreitada colonizadora e supostamente civilizatória. Mais do que isso, estabeleceu-se, dessa forma, um equivocado movimento metonímico que desliza do domínio territorial para a posse das mulheres nativas [...]. (Almeida, 2015:97)

Porém, mais tarde, a Itália, pressionada a promulgar as Leis Raciais, passou a lançar diversos decretos que proibiram as relações conjugais entre italianos e nativas, anularam os casamentos já existentes e vetaram ao pai italiano o reconhecimento dos filhos mestiços, que eram confinados em comunidades missionárias, onde eram educados e obrigados a trabalhar. Daí o termo missioni, utilizado na Somália.

Também pertinente e pouco divulgada é a denúncia do escritor Nuruddin Farah, em Rifugiati: voci della diaspora somala, de que: “O colonialismo italiano foi desastroso, humilhante [...], visto que, enquanto colonizadores, [os italianos] aviltaram as pessoas que

9 Texto original: “il paralelismo tra la terra da penetrare e le donne da possedere venne messo in atto quasi subito. Le donne erano terra di conquista. Erano il bottino che lo Stato [...] aveva promesso ai tanti soldati [...]”.

subjugaram, considerando-as não como seres humanos, mas, como eles diziam, ‘negros’, criaturas primitivas, sem civilização, semelhantes a animais da selva”. (Farah, 2003: 98)¹⁰

Além disso, em outras passagens, Domenica é chamada, também pejorativamente, de *mezzo gaal* (meio branca) ou *mezzo western* (meio ocidental), reforçando a ideia de metade, ou seja, de fragmentação ou incompletude. Ampliando a reflexão, seu corpo *mezzo gaal* seria a própria representação da Somália após a colonização italiana, visto que, segundo o estudioso argelino Karim Metref:

Também os sucessos e as desgraças do seu país sempre eram *mezzo gaal*, pelo menos desde que [esse] sofreu o estupro cometido pela chamada aventura (ou desventura, depende dos pontos de vista) colonial italiana no Chifre da África. Mais ou menos como aquela empresa italiana que, por um lado, fazia as estradas asfaltadas para construir o futuro do país, mas, por outro, escondia ali lixo tóxico para envenená-lo definitivamente. (Metref, 2007)¹¹

Já na Itália, por outro lado, quando Domenica vai à escola, o motivo de discriminação é sua “cor em abundância e o emaranhado de cabelos crespos” (Ali Farah, 2007: 234)¹², que ela herdara do pai, como narra a protagonista:

Ser metade somali se tornou um enorme problema, já que eu tinha sempre que “justificar” que minha proficiência linguística e minha cor de pele não eram incompatíveis [...]. Eu estava acostumada a perguntas parecidas, porém, no sentido contrário [...]. Quando eu era criança, os meus primos me achavam branca como a neve e, revendo-me depois da guerra, a primeira coisa que todos notaram é que eu

10 Texto original: “Il colonialismo italiano fu disastroso, umiliante [...], dato che, in quanto colonizzatori, svilarono le persone che assoggettarono, considerandole non esseri umani, bensì, come dicevano loro, ‘negri’, creature primitive, incivili, alla pari delle bestie della giungla”.

11 Texto original: “Anche le fortune e le disgrazie del suo paese erano sempre *mezzo gaal*, almeno da quando ha subito lo stupro compiuto dalla così detta avventura (o disavventura, dipende dei punti di vista) coloniale italiana nel Corno d’Africa. Un po’ come quella ditta italiana che da una parte faceva le strade asfaltate per costruire il futuro del paese ma dall’altra ci nascondeva rifiuti tossici per avvelenarlo definitivamente”.

12 Texto original: “colore in abbondanza e quei ricci che si ingarbugliano!”

lhês parecia muito mais escura do que como se lembravam de mim [...] dando a entender como o contexto circunstante modifica a percepção da realidade. A mudança para a Itália ocasionou a remoção total do meu breve passado. (Ali Farah, 2001: 243)¹³

O “breve passado”, ao qual se refere, seria sua primeira infância, vivida na Somália em companhia dos pais e de Barni. No entanto, embora haja lembranças felizes, a personagem não pode sequer lamentar saudade de uma época de completude, porque, desde sempre, sua formação foi binária. Até mesmo a matrícula na escola somali, visto que estava impedida de frequentar a escola italiana em Mogadíscio, foi intercalada com as aulas em italiano da Irmã Ernestina, como explica da seguinte forma:

Como o nível de instrução nas escolas somalis era muito fraco, meu pai Taarikh e seu irmão Sharmaarke, tendo recebido uma educação em italiano, decidiram oferecer às suas filhas a mesma oportunidade. Nas aulas da Irmã Ernestina, éramos todas meninas de idades semelhantes com a característica comum de sermos filhas de pais que haviam estudado na Europa. (Ali Farah, 2007: 226-227)¹⁴

De fato, pelo que indica a narrativa, na geração dos pais de Barni e Domenica, quando a Somália era um protetorado italiano, eram comuns as bolsas de estudo para o exterior, principalmente para a Itália, como parte da “preparação” dos somalis para a independência, sendo que, antes disso, no período colonial, todas as escolas na Somália eram italianas. No entanto, nos anos ‘70, quando as primas começam a estudar, as escolas italianas remanescentes só podiam ser frequentadas por italianos.

13 Texto original: “Essere per metà somala divenne un’enorme scocciatura per la quale mi trovavo sempre a dover ‘giustificare’ padronanza linguistica e carnagione [...]. Ero già abituata a domande simili in sendo inverso [...]. Quand’ero bambina i miei cugini mi consideravano bianca come il latte e, rivedendomi dopo la guerra, la prima cosa notata quasi da tutti è stata che sembravo loro molto più scura rispetto a come ricordavano [...] si capisce come sia il contesto intorno a modificare la percezione della realtà. Il trasferimento in Italia comportò la totale rimozione del mio breve passato”.

14 Texto original: “Siccome il livello d’istruzione nelle scuole somale era piuttosto scadente, mio padre Taarikh e suo fratello Sharmaarke, avendo ricevuto un’educazione in italiano, decisero di offrire alle loro figlie la stessa opportunità. Alle lezioni di suor Ernestina eravamo tutte bambine di età simile con la comune caratteristica di essere figlie di padri che avevano studiato in Europa”.

Assim, embora filha de uma italiana, Domenica não podia ser matriculada, porque ainda não tinha a cidadania, visto que, como ela diz: “Na época, não requerer os documentos italianos era motivo de orgulho para meu pai” (Ali Farah, 2007: 224)

Também em relação à religião, a personagem se divide entre as duas influências culturais, como veremos no excerto, e experimenta sentimentos de culpa por “oscilar” entre as duas fés monoteístas:

Minha mãe era, e imagino que ainda seja, católica praticante, me deu o nome de Domenica¹⁵ e ia à missa todos os domingos, mesmo em Mogadíscio, onde certamente não era influenciada pelo ambiente. Hoje acredito que [...] a religião fosse uma tentativa de proteger a própria identidade, de preservá-la da confusão. Eu, ao contrário, continuava a oscilar na escolha da minha devoção: estudava o Corão, cumpria o Ramadã por algumas horas junto com meus primos e, ao mesmo tempo, acompanhava minha mãe à missa. (Ali Farah, 2007: 237)¹⁶

Como exemplos das ambivalências sobre o corpo da personagem, duas experiências de reações físicas, separadas por cerca de cem páginas, podem ser lidas como símbolos de sua inadaptação e/ou de resistência, seja na Somália, seja na Itália.

Na Somália, diz a protagonista:

O tio Foodcadde [...] às vezes nos leva ao interior para beber leite de camelo. É bonito ali, a areia que nunca acaba e o sol que queima. Dentro da cabana, ao contrário, é fresco, e o leite fica em recipientes grandes. Servem o leite, um copo de lata por cabeça, para nós crianças. [...] O leite tem um sabor doce e é também um pouco denso. A primeira vez que tomei, me deu dor de barriga. Segundo meu pai, minha mãe me mima com os requintes de italiana e, por isso, eu não tenho o estômago dos nômades.

15 Como já tivemos oportunidade de comentar, Domenica significa domingo em italiano, e vem do latim: *dies dominica*, ou seja, Dia do Senhor.

16 Texto original: “Mia madre era e immagino sia tuttora cattolica praticante, mi ha chiamata Domenica e andava a messa tutte le domeniche persino a Mogadiscio, dove certamente non era indotta dalle circostanze. Oggi credo che [...] la religione fosse un tentativo di custodire la propria identità, di preservarla dalla confusione. Io invece continuavo a oscillare nell’attribuire la mia devozione: studiavo il Corano, facevo il Ramadan per qualche ora insieme ai miei cugini e, contemporaneamente, accompagnavo a messa la mamma”.

Eu digo que, com o tempo, vou me habituar. Ao leite de camelo, quero dizer. (Ali Farah, 2007: 5)¹⁷

Por outro lado, na Itália, para onde volta após transitar por vários países, seguindo os rumos da diáspora dos somalis, Domenica interpreta suas náuseas — na verdade devidas à gravidez — da seguinte forma: “desde que voltei, todas as manhãs sinto a necessidade de vomitar. Como se o meu corpo rejeitasse estes meus lugares”. (Ali Farah, 2007: 133)¹⁸

Porém, o exemplo mais contundente dos efeitos de sua dupla origem sobre sua corporeidade é a prática da autoflagelação, que surge em um momento de extrema angústia, quando a personagem se questiona: “Eu deveria continuar a me sentir inoportuna sempre e em qualquer lugar? [...] Eu pertencço? Porque dosar, ajustar os ingredientes que nos compõem é muito, muito perigoso”. (Ali Farah, 2007: 123)¹⁹

Domenica desenvolve, então, o hábito de ferir a própria pele, o que procura explicar, por escrito, para uma terapeuta da seguinte forma:

Posso lhe dizer que o fato de me cortar se tornou quase um prazer mórbido, comprava as lâminas no supermercado, planejando o lugar e a hora em que as usaria. Eram, na maioria, feridas lineares, cortes nítidos, dos quais observava o sangue fluir, incisões que eu reforçava meticulosamente, até desenhar uma teia de aranha de fios finos sobre a pele. Seria, talvez, para me declarar, que eu me feria com tanto furor? Não é para marcar uma presença que existem os ritos de iniciação? (Ali Farah, 2007: 245-246)²⁰

17 Texto original: “Lo zio Foodcadde [...] ogni tanto ci porta nell’entroterra a bere il latte di cammello. È bello lì, la sabbia che non finisce e il sole che scotta. Dentro la capanna invece fa fresco e il latte sta nei recipienti grandi. Lo versano, un bichiere di latta a testa per noi bambini. [...] Il latte ha un sapore dolce ed è anche un po’ denso. La prima volta che l’ho bevuto mi è venuto mal di pancia. Secondo mio padre, mia madre mi vizia con le raffinatezze da italiana e per questo non ho lo stomaco dei nomadi. Io dico che con il tempo mi ci abituerò. Al latte di cammello voglio dire”.

18 Texto original: “da quando sono tornata, ogni mattina sento il bisogno di rivoltarmi lo stomaco. Come se il mio corpo rigettasse questi miei luoghi”.

19 Texto original: “Dovevo continuare a sentirmi inopportuna sempre e dovunque? [...] Io appartengo? Perché dosare, calibrare gli ingredienti che ci compongono è molto, molto pericoloso”.

20 Texto original: “Posso dirle che quello di tagliarmi divenne quasi un piacere morboso, mi compravo le lamette al supermercato, programmando il luogo e l’ora in cui le avrei utilizzate. Erano, per

Sandra Goulart de Almeida, no livro já citado, ao abordar poemas de Adrenne Rich e Aurora Levins Morales, formula uma análise, com base nos estudos de Boehmer (2005)²¹, que parece dar conta da escritura de Cristina Ali Farah. Ela afirma que:

O corpo da voz poética de Rich inaugura um ato de resistência, nos termos propostos por Boehmer, que descreve “os corpos das mulheres como espaço de protesto”, destacando a corporificação das histórias de deslocamento (2005, p. 255). Em alguns casos, as narrativas da diáspora de autoria feminina falam por meio de um corpo gendrado, bem como elaboram um discurso de resistência por meio do corpo da escrita e também da escrita desse corpo gendrado e diaspórico [...]. (ALMEIDA, 2015: 96)

De modo similar, o corpo de Domenica se torna “espaço de protesto”, e as marcas das incisões — que formam, como descrito, “uma teia de aranha” — mimetizam os percursos diaspóricos seguidos após ter sido, com o início da guerra civil, “evacuada de Mogadíscio”, como narra à prima:

Vida de diáspora, peregrinações sem destino. Como aconteceu? Eu te contava da derradeira viagem. Cheguei em uma cidade que devia ser evacuada, a Mogadíscio do meu nascimento. Foi Libeen que me salvou. [...] Voltamos para Roma juntos, no último voo de linha. Só uma pequena pausa. [...] Eu buscava, dentro de mim, as raízes das minhas existências. Queria recuperar, desordenadamente. Desordenada foi a minha vida. (Ali Farah, 2007: 98, grifos nossos)²²

Domenica, então, após a “pequena pausa” em Roma, inicia seu percurso diaspórico em companhia do

lo più, ferite lineari, tagli netti da cui osservavo il sangue defluire, incisioni che ripassavo meticolosamente, fino a disegnare una ragnatela di fili sottili sulla pelle. Era forse per dichiararmi che mi incidevo con tanto accanimento? Non è per segnare una presenza che esistono i riti di iniziazione?”

21 BOEHMER, Elleke. (2005). *Colonial and Postcolonial Literature*. Oxford: Oxford University Press.

22 Texto original: “Vita di diaspora, peregrinazioni senza destino. Come è accaduto? Ti dicevo del viaggio postumo. Sono arrivata in una città da evacuare, Mogadíscio dei miei natali. È Libeen che mi ha salvata. [...] Siamo tornati a Roma insieme, sull’ultimo volo di linea. Fermarci, per poco. [...] Cercavo, dentro di me, le radici delle esistenze. Volevo recuperare, disordinatamente. Disordinata è stata la mia vita”.

primo Libeen, seguindo para o Norte: ele, somali, com documentos falsos; ela, ítalo-somali, com os documentos italianos válidos, como narra a seguir:

Não lembro quase nada daquela viagem. O fato é que Libeen viajava com documentos falsos e eu não precisava me preocupar com os meus. Os meus documentos — documentos italianos — eram válidos, sempre e em qualquer lugar. São documentos do forte²³. Libeen? Foto diferente, rosto diferente. A toda hora eu achava: vão perceber. Mas, para os policiais da alfândega, os negros pareciam todos iguais. Eu, ao contrário, achava que iriam perceber. (Ali Farah, 2007: 100)²⁴

Aí está a proposta inusitada e original de Ali Farah: a personagem Domenica vive a diáspora de modo singular, tendo em vista que não sofre a principal limitação dos sujeitos diaspóricos contemporâneos, ou seja, a falta de documentos em dia, o que os força a uma vida de refugiados e/ou clandestinos. O romance adquire maior intensidade em sua denúncia, porque, se por um lado, para Domenica, a posse dos documentos facilita seus deslocamentos e a possibilidade de trabalhos regularizados, por outro, intensifica e cela definitivamente sua identidade cindida.

Assim, de modo inovador, a autora escolhe a situação de refugiada para uma personagem que tem a cidadania europeia. E Domenica, em silêncio, vê seu corpo mestiço em deslocamento, sem uma meta precisa, como conta a seguir:

Eu e Libeen de carro rumo ao Norte. [...] Moleza da viagem, sem dizer nada, esvaziava os meus pensamentos. [...] Tinha muito o que escutar. Libeen me contaria. Dos nossos projetos, do futuro. De como tudo seria sempre imprevisível. [...] E eu podia parar em qualquer lugar, indiferentemente. [...] Menos deixar me render ao comum, prisão de imobilidade.

23 N. T. : O vocábulo forte, *roccaforte*, em italiano, está aqui como substantivo, e não adjetivo, a representar a metrópole, ou seja, a Itália que faculta o trânsito de seus cidadãos na comunidade europeia e em outras continentes.

24 Texto original: “Di quel viaggio non ricordo quasi nulla. Il fatto è che Libeen viaggiava con documenti falsi e io non dovevo pensarci. I miei documenti — documenti italiani — valevano, sempre e ovunque. Sono documenti della roccaforte. Libeen? Foto diversa, faccia diversa. In tutti i momenti pensavo: se ne accorgeranno. Ma ai doganieri i neri sembravano tutti uguali. Credevo che se sarebbero accorti, invece”.

(Ali Farah, 2007: 101)²⁵

Provisoriamente na Holanda, a personagem procura a companhia de outros ítalo-somalis e revela: “Eu estava curiosa para entender como tinham resolvido o dilema. Eles eram cheios de contradições”. (Ali Farah, 2007: 110)²⁶

Sem respostas para “o dilema”, como percebemos, ela passa a narrar suas primeiras experiências de trabalho:

[C]omecei a trabalhar. Trabalhos variados: ensinar italiano, garçõnete em pizzeria. Achava facilmente trabalhos que tinham a ver com a Itália. A parte de mim que não tinha a ver com a aparência: naqueles locais não se faziam muitas perguntas. Bastava que eu declarasse minha origem. (Ali Farah, 2007: 111)²⁷

Depois da Holanda, Domenica passa breves períodos na Finlândia e na Inglaterra. É, contudo, na Alemanha que ela define um projeto de trabalho: filmar a diáspora somali, como vemos no excerto:

Após Londres: trama intrincada de deslocamentos. [...] Conheci Saciid Saleebaan na Alemanha. Tinha [...] um projeto fascinante. A ideia louca de filmar a diáspora somali. Um vídeo, um documentário, um filme, ainda não sabia; de certo só tinha o projeto. [...] Eu, que via a passagem dos anos, tentando desesperadamente me redefinir, finalmente encontrei, com ele, um objetivo. (Ali Farah, 2007: 121)²⁸

25 Texto original: “Io e Libeen in una macchina verso il Nord. [...] Morbidezza di viaggio, senza dire niente, svuotavo i miei pensieri. [...] Avevo tante cose da ascoltare. Libeen mi avrebbe raccontato. Dei nostri progetti, del futuro. Di come sarebbe stato sempre tutto imprevedibile. [...] E ovunque potevo fermarmi, indifferentemente. [...] Salvo evitare che diventi il comune, prigionia di immobilismo”.

26 Texto original: “Io ero curiosa di capire come avevano risolto il dilemma. Loro erano pieni di contraddizioni”.

27 Texto original: “ho cominciato a lavorare. Lavori vari, quello che trovavo: insegnare italiano, cameriera in pizzeria. Trovavo facilmente lavoro legato all'Italia. La parte di me che non era legata all'apparenza: in quei luoghi non si facevavo tante domande. bastava che dichiarasse le mie origini”.

28 Texto original: “Dopo Londra: trama intrincada di spostamenti. [...] Io ho conosciuto Saciid Saleebaan in Germania. Aveva [...] un affascinante progetto. L'idea folle di filmare la dispora somala. Un video, documentario o film, non sapeva ancora; di certo aveva solo il progetto. [...] Io che avanzavo negli anni, tentando disperatamente di ridefinirmi, finalmente trovavo, insieme a lui, un obiettivo”.

Esse projeto a leva para os Estados Unidos, onde conhece Taageere, o único somali que a chama pelo nome italiano, Domenica. E é justamente por causa dessa sua metade ocidental que ela volta à Itália: a irmã de Taageere, Luul, havia desembarcado nas costas de Lampedusa e o irmão gostaria de acolhê-la em Roma, mas só Domenica tem os documentos que permitem a viagem.

Na Itália, a personagem explica como se encerra seu percurso diaspórico de “refugiada”:

Como refugiada, segui o fluxo de uma diáspora que me dizia respeito só marginalmente, interiorizando suas modalidades, a ausência de projetos, a falta de metas. Peregrinei por quase dez anos, entre Europa e América, seguindo as ondas que moviam as massas de jovens da minha idade de um continente a outro [...]. Situações provisórias que se seguiram por anos. Tornei-me poliglota, desenterei a língua somali e a atitude atávica do nomadismo, reconectei os fios e os soldei. Essa era a minha fenda, esse o meu destino. [...] Tinha que voltar à Itália, porque era o lugar onde eu poderia juntar todos os pedaços. Depois, poderia partir de novo, mas antes tinha que arrumar o que tinha deixado em suspenso. (Ali Farah, 2007: 251-252, grifos nossos)²⁹

Se a experiência de diáspora de Domenica é inusitada, posto que ela possui a cidadania italiana, também peculiar é modo como se expressa no final da narrativa, por meio de uma carta, ou seja, através da palavra escrita, em um romance construído muito próximo da oralidade. Assim, em um italiano formal, a personagem aceita a proposta de tratamento de sua terapeuta, como lemos a seguir:

[E]stou certa de que a opção escolhida me ajudará a reconstruir um percurso existencial complexo, para enfrentar

29 Texto original: “Come profuga seguii il fluire di una diaspora che mi riguardava solo marginalmente, interiorizzandone le modalità, l'assenza di progettualità, la mancanza di mete. Ho peregrinato per quasi dieci anni, tra Europa e America, seguendo le mode che muovevano le masse dei giovani della mia età da un continente all'altro [...]. Situazioni provvisorie che si sono susseguite per anni. Sono diventata poliglotta, ho riesumato il somalo e l'atavica attitudine al nomadismo, ho riallacciato i fili e li ho saldati. Questo era il mio solco, questo il mio destino. [...] Dovevo tornare in Italia, perché era il luogo dove potevo rimettere insieme tutti i pezzi. Poi me ne sarei potuta anche andare di nuovo, ma prima dovevo riaggiustare le cose che avevo lasciato in sospenso”.

com integridade o papel de mãe que hoje me compete. Para mim é mais simples narrar os fatos por escrito, já que a minha relação com a palavra ainda é emotiva e fragmentária. Muitas vezes me acontece de perder o fio do discurso ou seguir o fluxo de um pensamento que acaba voltando-se sobre si mesmo. Como a senhora me ajudou a compreender, isso acontece muitas vezes com as pessoas que carregam nas costas uma história de migração. Mesmo eu não sendo propriamente uma imigrante, concordo plenamente com as suas considerações, porque vivi as separações e as readaptações próprias daquela condição. [...] Encerro aqui esse preâmbulo e espero que o ato de contar a minha história por escrito possa me ajudar a me tornar aquela pessoa inteira e adulta que desejo ser. (Ali Farah, 2007: 223-224)³⁰

Com efeito, a personagem passa a narrar “por escrito” toda a sua história, do nascimento aos anos de êxodo sem destino, como parte da terapia que visa à compreensão de um presente que não pode prescindir da análise de um passado insubstituível.

Nesse sentido, a construção da personagem ultrapassa a ficção narrativa e se aproxima tanto das inquietações iniciais do presente artigo quanto da proposta da autora que, segundo Michele Pandolfo, quer “reconstruir uma imagem da Somália, seja para os próprios somalis, seja para o resto do mundo que não tem uma justa percepção da realidade somali [...] desde 1991”. (Pandolfo, 2011)³¹

Assim, a leitura e a análise do romance têm o mérito ulterior de ajudar a entender o passado somali e de fornecer os instrumentos necessários para uma

compreensão mais acurada da atual situação da Somália, invisível para o Ocidente, como pudemos perceber na baixa repercussão do recente atentado de 14 de outubro de 2017.

Referências Bibliográficas:

ALI FARAH, Cristina. (2007). *Madre piccola*. Trento: Frassinelli.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. (2015). *Cartografias contemporâneas: espaço, corpo, escrita*. Rio de Janeiro: 7Letras.

COMBERIATI, Daniele. (2011) *La quarta sponda: Scrittrici in viaggio dall’Africa coloniale all’Italia di oggi*. Roma: Caravan.

FARAH, Nuruddin. (2003). *Voci della diaspora somala*. Roma: Meltemi.

METREF, Karim. (2007). *La non-epopea di un popolo smarrito*. Letteranza. Disponível em: <<http://www.letteranza.org/recensione-n-6-la-non-epopea-di-un-popolo-smarrito/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

PANDOLFO, Michele. (2011). *Le voci femminili della diaspora somala nella letteratura italiana*. El- Ghibli. Disponível em: < http://archivio.el-ghibli.org/index.php%3Fid=0&issue=08_34.html>. Acesso em: 15 nov. 2017.

SCEGO, Igiaba. (2014). *Roma negata: Percorsi postcoloniali nelle città*. Roma: Ediesse.

Data de recebimento: 15/10/2017.

Data de aceitação: 20/12/2017.

30 Texto original: “sono sicura che la scelta intrapresa mi aiuterà a ricostruire un percorso esistenziale complesso, per affrontare con integrità il ruolo di madre che oggi mi compete. Mi è assai più semplice raccontare i fatti per iscritto, giacché la mia relazione con la parola è ancora emotiva e frammentaria. Non di rado capita che io perda il filo del discorso o segua il fluire di un pensiero che finisce con il ripiegarsi su se stesso. Come lei mi ha aiutato a comprendere, questo accade con frequenza nei soggetti che hanno una storia di migrazione alle spalle. Anche se non sono propriamente un’immigrata, riconosco appieno le sue considerazioni per aver vissuto distacchi e riadattamenti propri di quella condizione. Chiudo qui questa mia premessa e mi auguro che raccontare per iscritto la mia storia possa aiutarmi a diventare quella persona intera e adulta che desidero essere”.

31 Texto original: “ricostruire un’immagine della Somalia sia per i somali stessi, sia per il resto del mondo che non ha una percezione della realtà somala [...] dal 1991”.